

*Handwritten mark or signature*

CAMOENANA

1109

B. N. L.

John Maynard

2017  
10/10



Custon 150 reis

2:296

From. vol 15 p. 299

Idem vol 15 p. 287

1844  
Campanhano

# REFLEXÕES CRITICAS

SOBRE

O EPISODIO DE ADAMASTOR

NAS

LUSIADAS, Canto V. Oit. 39.

EM FÓRMA DE CARTA

AUTHOR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA

ANNO DE MDCCCXI.

1844  
Com licença.



COMPRA

229938

Cam  
1109

OPICIO DE ADAMASTOR

UTILIDAD, Dato V. O. 30.

LA TORRE DE GATA

AUTOS

DE AGOSTINO DE MARCHO.

LIBRO A:

IMPRESA O REGIA

LA DE MADRID

En venta.



## A QUEM QUIZER LER.

**M** Andava aos seus Discipulos Quintiliano, que, quando ajuizassem de alguma parvoice, que escapasse aos mais abalissados Escriptores da antiguidade, o fizessem sempre com muita modestia, e circunspecção, lembrando-se sempre, que erão grandes Varões. Eu estaria por este Canon do Rethorico, se elle me provasse que os Varões antigos tinham auctoridade para descreverem impunemente os disparates que quizessem: e se os Senhores Modernos querem que se observe esta regra, mostrem-me a razão, por que hum Gigante ha de ter a liberdade de fazer huma parvoice, e não ha de ter liberdade hum Pigmeo de lhe dizer = Isto, Senhor Gigante, he huma parvoice. =

*Vale.*



---

CARTA A A'TICO.

**N**ão me foi estranho, meu A'tico, o vosso pensamento sobre o estilo das Lusíadas, só me admirei de que tão tarde o tivésseis; tanto pôde em nossos sentimentos a opinião, e tão profundos vestígios deixão em nossa alma as primeiras idéas, que adquirimos sobre materias Literarias! Em o longo Poema das Lusíadas quasi tudo he méra prosa, com esta differença, que se faz tanto mais intoleravel, quanto mais Poesia se esperava. Qualquer dos nossos Escriptores das nossas cousas da India he para mim muito mais agradavel. O primeiro Volume da Asia Portugueza de Manoel de Faria e Sousa está escripto com tanto magisterio, sublimidade, e formosura, que, além de ser entre os bons Livros que ha no Mundo, hum dos melhores, as tres primeiras partes, que chegão até á morte do Grande Affonso de Albuquerque, consideradas como hum Poe-

ma Historico semelhante ao da Farsalla, são infinitamente superiores ás decantadas Lusíadas. Fizei reflexão sobre a resposta, que dá Vasco da Gama ao Samorim, vereis que esta magnifica tirada he infinitamente superior a todas as descozidas arengas das Lusíadas. A estupenda Prosopopêa de Ninachetú quando vai a lançar-se na fogueira no meio da Praça de Malaca, vale mais que todos os corriqueiros discursos, que tantas vezes se escutão a Baccho, e a Venus, nossa Patroa e defensora no descobrimento da India. Mas deixando agora estas cousas para melhor tempo, só vos farei algumas reflexões sobre o que me dizeis do estilo frigido e prosaico das Lusíadas. Sobre-maneira vos enjoa ou scandaliza a prosa, que encontrais no fim do Canto primeiro, e principio do segundo: tendes razão, são de hum tedio insupportavel semelhantes baixezas nisso que se chama versos, e muito mais insupportavel quando havia lugar para Descripções Geograficas, em que os Poetas se costumão esmerar tanto como vemos em Virgilio no Livro terceiro, em Lucano, e em Silio Italico. Porém eu quero mostrar-vos o motivo poderoso de tanta prosa, que neste lugar do primeiro Canto, e em outros muitos se encontra em as Lusíadas. Quando Luiz de Camões escreveo, já corria impressa a pri-

meira Decada do illustre Barros, que vio a luz em 1552, ou 1554; ora quantas passagens encontrais nas Lusíadas, que são de pura, e rigorosa Historia, são trasladadas pelo Camões do Barros, não fazendo mais que rimar, e rebater a castigada prosa deste insigne Escriptor. Vamos ponderando, meu A'tico, os exemplos que vós mesmo me apontais, e que com razão dizeis que são prosa.

*Cant. I. Oit. 54.*

“E porque tudo em fim vos notifique

“Chama-se a pequena Ilha Moçambique.

Ora vêde o Original destas duas regrinhas a que se não pôde chamar versos

= Respondeo que aquella Povoação se chamava Moçambique. *Barros Dec. I. Cap. 3.* =

Ide vendo o que se segue, admirareis ainda mais a pobreza do Poeta.

*Oit. 61*

“Dá-lhe de ricas peças hum presente . . . .

“Dá-lhe conserva doce . . . . .

“Tudo o Mouro contente bem recebe

“E muito mais contente come, e bebe.

*Bar. Dec. I. Cap. 3, e 4.* = Partido o Mouro contente das peças que levava; mandou logo trazer algumas conservas. =

Tambem havia já apparecido impressa a Historia de Castanheda, quando o Camões escreveo, e tambem sem cerimonia lhe rimma a tristissima prosa como ireis vendo com admiração.

*Oit. 62.*

“E preguntando tudo lhe dizia

“Se por ventura vinhão de Turquia.

63.

“E mais lhe diz tambem que ver deseja

“Os Livros de sua Lei, preceito, ou Fé

“Ao Capitão pedia que lhe dê

“Mostra das fortes armas de que usavão.

Até aqui o Poeta, ouvi agora o Historiador. = *Cast. Liv. I. Cap. 6.* Perguntou se vinha da Turquia, porque ouvira dizer que erão brancos assim como os nossos; e que lhe mostrasse os arcos da sua terra, e os Livros da sua Lei =

*Oit. 78.*

“Que das Nações na Costa moradoras

“Correndo a fama veio, que roubadas

“Forão por esses homens que passavão,

“Que com pactos de paz sempre ancoravão.

*Barros Dec. I. Cap. 4.* = O que tinha entendido era serem homens vadios, que andavão roubando os Portos de Mar” Assim

como isto não pôde ser mais claro, tam-  
bem o que se segue não pôde ser mais prosa.

*Oit.* 77.

“ São para nos matarem, e roubarem

“ E mulheres, e filhos cativarem.

*Oit.* 86.

“ Mas os Mouros que andavão pela praia...

“ Hum de escudo embraçado, e de azagaya

“ Outro de arco . . . . .

*Bar. ibi.* = Todos armados, huns com aza-  
gayas, e escudos, outros com arcos =

*Oit.* 91.

“ A pedra, o pão, e o canto arremeçando

“ Dá-lhe armas o furor desatinado.

*Bar. ibi.* — Defendendo-se com sã coragem,  
a qual lhe ministrava armas de pão, pedra,  
dentes, e unhas —

Isto basta, meu A'rico, porque enten-  
dais quaes sejam os motivos da contínua pro-  
sa de Camões; jámais deixou de trasladar  
Barros, e sem mudar o sentido, ou frases,  
sem se lembrar de lhe dar huma tintura  
poética, contenta-se de rimar aquellas muito  
plebeias expressões. Antes que entre na ex-  
posição do que me dizeis que só vos toca,  
vos admira, e arrebatava em Camões, que he  
o Episodio de Adamastor, quero demorar-  
me sobre huma ficção sua no principio do  
Canto segundo; a qual me parece o ultimo

excesso do ridiculo, do absurdo, e do abominavel, que vem a ser a methamorfose de Baccho em Clerigo, a sua Ermida, e o Pannel da Capella Mór. Manoel de Faria e Sousa, que sendo grande em tudo, quiz ser pequeno com os commentarios eternos das Lusíadas, diz que Baccho, hum dos agentes do Poema, ou he Mafoma, ou o Diabo por elle. Ou seja o Diabo, ou seja Mafoma, he certo que elle apparece transformado em Clerigo; e disto não resta duvida alguma, porque assim o dizem os dois que o Gama mandára á terra quando lhe tornão com a resposta, e relação do que virão que fôra:

“ Santas Aras, e Sacerdote Santo.

Ora esta ficção, ou lembrança he tão abominavel, que se não pôde desculpar, por mais que se esforce, e mate o Commentador Faria. = O Diabo feito Clerigo — *Sacerdote Santo.* — O Diabo construindo Altares — *Santas Aras.* — O Diabo adorando o Verdadeiro Deos — *O falso Deos adora o Verdadeiro.* — O Diabo pintado em hum quadro — *A descida do Espirito Santo sobre os Apostolos.* — O Diabo com hum thuribulo na mão incensando este quadro — *Na Paucacia odorífera queimava.* = São cousas que excedem os limites da extravagancia huma-

na. Tudo isto, que desprezaria o mesmo Ariosto se lhe lembrasse no momento da maior effervescencia poetica, não he original em Luiz de Camões, e seria menos miseravel, e menos desgraçado se referisse singellamente o que conta Castanheda em o Liv. I. Cap. 9.; mas a teima de introduzir Baccho a torto, e a direito em todas as máquinhas do Poema, o fez solemnemente delirar nesta passagem. Tinha lido em Castanheda estas palavras: = Mandou a dous degradados de alguns que trazia para aventurar em taes recados, e forão encontrar com dous mercadores parece que Christãos de S. Thomé, que lhes mostrárão pintada em huma Carta a figura do Espirito Santo, e por ante elles fizeram sua adoração em giolhos. = Eis-aqui a passagem que despertou a lembrança da mais repugnante ficção, que até agora lembrou á irritavel geração dos Vates; e sabei, meu A'tico, que não ha em Luiz de Camões cousa a que possamos chamar propriamente sua, porque, se o fundo he sey, a fórma he estranha; e se a verificação he sua (o que raras vezes acontece) a materia he alheia, e emprestada. Manoel de Faria e Sousa, que levou debaixo de si os mais espriados Commentadores dos Classicos Latinos, sem tirarmos deste numero o mesmo Dionysio Lambino, e o mes-

mo Burmano, deitou a perder o seu mesmo Commentado, com a prodigiosa, e recondita erudição, que tão intempestivamente accarretou para illustrar aquelle a quem de continuo chama o seu Mestre, pondo em frente as passagens originaes de tantos, e tantos Poetas Italianos, então conhecidos em Portugal, e hoje tão fatalmente ignorados depois que os Portuguezes, para estrago irreparavel de sua maternal linguagem, assentárão que devião preferir a Literatura Franceza a outra qualquer erudição. Deixai-me dizer isto, meu A'tico: talvez eu seja o unico homem em Portugal, que neste Seculo frivolo préze a Literatura Italiana, e possua com devida estimação os preciosissimos thesouros dos Quinhentistas Italianos, e dos que tão bem os soberão seguir, e imitar até á infernal época da Revolução. Torne-mos a Luiz de Camões. Vós me affirmais que tanto vos scandaliza o estilo prosaico em quasi todo o Poema, quanto vos arrebatá, e vos transporta a ficção do Adamastor em o quinto Canto; porque, dizeis vós, em nenhum dos Poetas antigos, e modernos se acha hum quadro de tanta valentia, de tanta originalidade, de tão brilhante colorido, de tanta força, e novidade. Vós dizeis isto, e eu digo já de antemão huma cousa, que vos não deixará menos es-

pantado, que deixou o Gigante ao Gama quando de noute lhe pôde descobrir as feições, e a côr dos dentes. O Episodio de Adamastor, entre os disparates de Luiz de Camões, he o maior disparate. Dirão agora todos os homens não pensadores profundos, que esta proposição, além de ser escandalosa, he erronea, e offensiva dos pios ouvidos poeticos. Ora pois eu voluntariamente me conduzo ante o rectissimo Tribunal da Razão, e da Critica: eu quero alli produzir minhas razões, e meus argumentos, e lançar de huma vez em terra este fantasma, este idolo das adorações publicas, e do respeito estúpido, e successivo de tantos Seculos.

O primeiro erro de Luiz de Camoes he fazer apparecer este Cabo feito Gigante a Vasco da Gama, para se queixar d'elle como profanador daquella clausura dos mares, que elle ciosamente guardava. Não era Vasco da Gama o primeiro; porque aquelle passo já estava franqueado, e aquelles mares abertos, ou descubertos por quasi toda a Costa da Cafraria, e Ethyopia Oriental até ao Padrão de S. Philippe, posto pelo navegador intrepido Bartholomeu Dias, que passára, e repassára o Cabo no Reinado de D. João II., e não tinha culpa o Gama do que fez o Dias; e se com effeito Luiz de Camões

não queria perder o Episodio, devia fazer dizer a Vasco da Gama na inverosimil, e longuissima narração, que de tantas cousas fez ao Rei de Melinde, que o Gigante apparecêra ao Dias quando dobrou o Cabo, e seguir a Historia de sua viagem, porque nem tempestade alli experimentou quando a 22 de Novembro o passára. Se o Poeta quer mostrar o Gigante Guardião do Cabo affrontado pela ousadia Portugueza; porque ha de ser o affrontador Vasco da Gama, e não Bartholomeu Dias? Mas isto he cousa mui pequena, e poderão dizer-me que o Gigante teve vontade de desconfiar do segundo, e não do primeiro: tratemos cousa de maior ponderação.

Vós vos namorais, meu A'tico, da originalidade deste quadro, e vos persuadis que a lembrança da apparição deste Fantasma fôra originalmente inventada pela fertil imaginação de Camões, que sómente a si o deve; que não teve na antiguidade hum só Archétipo; e que os Poetas, que se lhe seguirão, o imitarão, ou roubarão a elle, assim parece pelo que pertence a este derradeiro artigo, e que Esmenard no seu bom Poema da Navegação, fallando das tentativas, que se tem feito nas viagens ao pólo para encontrar huma passagem ao Nordeste, no Gigante que finge guardador daquel-

les gellados, e impervios mares á pertinacia dos Hollandezes, e Inglezes, roubára visivelmente a Luiz de Camões o seu amado filho Adamastor. Seja assim; mas tambem he certo, que Luiz de Camões o roubára como outros muitos o roubão a elle. Não só se rouba em Poesia, trasladando literalmente, como fez Virgilio aos versos de Homero, e como o mesmo Camões fez por todo o Poema aos versos de Virgilio, e de Ariosto especialmente; tambem se roubão idéas, e imagens, o que argúe no roubador huma manifesta esterilidade na invenção com que se reduz á classe dos meros versesejadores, e não verdadeiros Poetas. Meu A'tico, quasi sempre se lê sem profunda attenção. Poucos homens de gosto terão deixado de ler Lucano, que, apezar da tumidez, empolação, e genio turgido proprio de hum Hespanhol, está cheio daquelles toques fortissimos, e profundos, que elevavão a alma de Corneille para construir aquellas pomposas scenas, que ainda nos admirão; e poucos serão os Leitores de Lucano, e admiradores de Camões, que tenham notado no Poeta Latino o fundo, ou a idéa matriz do decantadissimo Adamastor. Que cousa he em abstracto Adamastor? He huma figura, hum fantasma, que rompendo do seio de huma carregada nuvem, apparece no ar, e de

noute a Vasco da Gama no momento em que hia a passar o Cabo da Boa Esperança; que procura suspendello nesta empreza, mostrando-lhe com espantosas ameaças os males que o esperavão a elle, e a todos seus successores, que consummassem aquelle arrojo; (se o Camões se fixasse só nisto tinha brilhado muito.) Ora quem não vê em Lucano a mesma imagem análoga, e semelhante? Cesar, e Vasco vão commetter hum arriscado passo, Cesar em transgredir os limites prescriptos pela Republica ás Legiões armadas, que erão as margens do rio Rubicon; Vasco da Gama em transgredir humas balizas, que parecião impostas pela Natureza ao atrevimento dos navegadores Portuguezes. Aqui temos os dous Heroes em idênticas circumstancias, e creio que ninguém quererá ignorar que Julio Cesar existira primeiro que Vasco da Gama: logo temos a primeira circumstancia literalmente imitada; e onde ha conhecida imaginação alheia, ou manifesta imitação, não ha, nem póde haver originalidade; aquí temos o primeiro fundo da grande Scena apanhado de Lucano; vamos ao segundo. Cesar hia a passar o Rubicon, aqui temos hum, nó que chama naturalmente o maravilhoso sobrenatural *Nec Deus intersit nisi dignus vindice nodus.* — Personalisa Lucano a Repu-

blica Romana, ou a Romana Liberdade, e faz apparecer, rompendo das nuvens, e equilibrada nos ares no meio da mais profunda noute aos olhos do Usurpador huma gravissima Matrona, de aspecto sombrio, carregado, e triste; falla-lhe, affea-lhe o attentado que vai commetter, lembra-lhe o sangue que vai derramar, as guerras civis que vai accender, e finalmente lembra-lhe a liberdade agonisante em cujo seio vai embeber o punhal da oppressão, e da tyrannia, fallando com tanta força, e dignidade, que vos posso certificar que he este o quadro mais acabado da Santazia humana; e que eu mesmo avezado a contempla-lo, porque gosto de Lucano, não posso deixar de me sentir tocado de hum verdadeiro horror, e admiração: he huma das lembranças mais felises na grande arte de pintar á alma com os pinceis da Poesia levantada. Errição-se-me os cabellos; como succedia á Milton com a leitura de algumas passagens de Isaias, isto me succede a mim, apenas começo a lêr em Lucano estes admiraveis versos:

*Ingens visa duci Patriæ trepidantis imago,  
Clara per obscuram vultu mæstissima noctem.*

Aqui temos já a segunda, e principal circumstancia imitada tambem. Ambas são ima-

gens fantasticas, ainda que differentes entre si como pedião as circumstancias: a Cesar apparece a imagem da Republica, que elle hia tyrannisar, a Vasco da Gama apparece a imagem do Cabo, que elle hia passar. A apparição da Republica a Cesar he feita de noute para augmentar mais o terror com o tempo: a apparição de Adamastor tambem he de noute: ambos os fantasmas rompem do seio de carregadas, e espessas nuvens, e ambas na essencia, no tempo, no lugar, nos fins, ou nos motivos finaes do seu respectivo apparecimento, conservão visivel identidade, e, sem o mais ligeiro viso de prevenção, não duvideis meu Atico, que Lucano dêra a Camões o que se chama até agora o grande quadro de Adamastor, e que senão existira o Episodio do primeiro Livro da Farsalia, não existiria o Episodio do quinto Canto das Lusiadas. Ora fazei em Poesia o mesmo que se costuma fazer em Pintura, distingui a copia do original, e dai a cada hum destes dous objectos o preço, e valor que vos merecerem no Tribunal da Razão. Logo veremos como a metamorfose foi achada em Ovidio com a mesma evidencia com que vistes a invenção achada em Lucano. Passemos a ver como não só o desenho do quadro he emprestado, e alheio, mas até o mesmo colorido, e persuadir-vos-

heis que não ha originalidade alguma no Adamastor nem na substancia, nem nos accidentes. Começa a pintura pelo vôo da nuvem que vem pousar sobre a cabeça do Gama, não me quero lembrar do verso de Virgilio

- - - - Cæruleus supra caput astitit imber  
Noctem hyememque ferens, et inhorruit unda tenebris

ainda que nelles se encerrem, e contenhão os dous que fechão a oitava 37.

“Huma nuvem que os ares escurece  
“Sobre nossas cabeças apparece.

porque a imagem he literalmente apanhada de Beniveni na Egloga terceira:

Subito d'atra nube un densovelo  
L'aria coperse

Na seguinte oitava ha com effeito a grande imagem da entumescencia, e bramidos do mar, pintura que na verdade impõe

Bramindo o negro mar de longe brada  
Como se dêsse em vão n'algum rochedo.

Mas he pomposa, porque he manifesta traducção de Virgilio

Et gemitum ingentem pelagi pulsataque saxa  
Audimus longe, fractasque ad litora voces.

He cousa pasmosa, que nunca neste tão celebrado Episodio queira o Camões nadar sem bexigas! Segue-se a soberba pintura do Gigante, horrendo na verdade quando o Poeta o tira tão miudamente por feições. Quasi universalmente se repete de côr a oitava 39 onde se acha o retrato de Adamastor, que começando com pompa acaba ridiculamente com o verso

A boca negra, os dentes amarellos

Esta circustancia não caracteriza hum Gigante, e pôde ser propria de qualquer pigmeo; mas isto ainda he pouco; a maior inverosimilhança que ha neste retrato, he dizer-se o retratista aterrado com a vista do Gigante, com o fragor dos mares, com a obscuridade e densidade da nuvem, tão carregada, e espantosa que parecia mais alguma cousa que tormenta, e ficar ao mesmo passo tão livre a attenção do Gama, que lhe não escapasse o accidente da côr amarella dos dentes. Entre os versos que se repetem com mais enfase, he este:

O rosto carregado, a barba esqualida.

até a voz esdruxula com que acaba, o torna mais turgido, e soberbo, e a quantos tenho

eu ouvido dizer: eis-aqui o pincel de mestre! Digamos isto de Sanazzaro, cujo he o verso na Egloga oitava da célebre Arcadia.

Con cliome irsute, e com la barba scalida

Isto he por miudo, porque a pintura em grande he roubada ao sempre roubado Ariosto, porque não ha huma só oitava nas *Lusiadas*, que cheire a Poesia, que não seja roubada literalmente a Ariosto, até aquella mesma, que parece dar mais nomeada a *Camões*:

“Deo signal a trombeta Castelhana

Que em Ariosto he assim:

Tremò Parigi, intorbidosi il Sena

Com o mais que se segue: cousa na verdade para admirar, a indulgencia dos nossos maiores! E que muito, se elles constituão em grande preço a habilidade de trasladar, e se julgavão grandes homens, quando mostravão, que tinham lido, ou alguns antigos, ou alguns estranhos! Tornemos a Adamastor, cujo retrato he cópia da pintura original de Ariosto, quando descreve o Gigante Brunel: Canto terceiro:

. . . . Ha il capo ricciuto  
 Le chiome ha nere, e ha la pelle fosca  
 Palido il viso oltre il do-er barbuto  
 Gli occhi gonfiati, e guardatura leuca  
 Schiacciato il naso, e ne le ciglia irsuto.

Eis-aqui meu A'tico as fontes donde correo  
 Adamastor, e se quereis vêr agora a fonte  
 donde nasceo a metamorfose em monte, lê-  
 de o pai, e o author de todas as metamor-  
 foses, em o livro dellas, onde com aquel-  
 le pincel que nenhum outro até agora tem  
 igualado, vereis pintada a metamorfose do  
 Astronomo Atlante em montanha, daquella  
 mesma maneira, que se transformou Ada-  
 mastor em Cabo, sem ommittir circumstan-  
 cia alguma notavel:

Quantus erat mons, factus Atlas, nam barba, comque  
 In silvas abeunt: iuga sunt humerique, manus ue  
 Quod caput ante fuit, summo est in monte cacumem;  
 Ossa laris fiunt: tum partes altus in omnes  
 Crevit in immensum, &c.

Quiz o Fado que não houvesse no grande  
 Episodio de Adamastor circumstancia algu-  
 ma, por minima que fosse, que senão to-  
 massé fiada dos Latinos, e Italianos. Aquel-  
 la mesmissima oitava 56, que a todos pa-  
 rece tão bella, e que até no discurso preli-  
 minar do Padre Aquino vem citada como  
 hum modello de Poesia:

O! que não sei de nojo como o conte . . .

He furtada meu A'tico, he furtada, eu não me sei explicar em mais claro Portuguez, porque o roubo não pôde ser mais manifesto, e sem rebuço: a primeira idéa foi tomada em Ovidio, que Camões lia muito. — *Quam que lapis sedes, tam lapis ipsa fui*: e todos os outros atavios da oitava são do fertilissimo, e inexaurivel Ariosto:

Rimasi alfin con gli occhi, e con la mente

Fissi nel sasso al sasso indifferente.

N-n men di un vero sasso, un sasso pare . . .

E Claudio Tolomei mais antigo ainda que o Ariosto deo a Luiz de Camões a famosissima oitava por inteiro.

Qui mirar me par quella, e miro un sasso

L'ouide spesse volte un stérpe cingo

Con le mie braccia, e si forte lo stringo

Che perche duro il trovi, mai no il lasso . . .

Tendes visto, meu A'tico, o que tanto vos encantava, o formidavel Adamastor em retalhos, disperso por tantos, e destramente compaginado pelo Camões, que por certo tinha toda a erudição do seu tempo, e pela continua communicação, que então havia com a Corte de Roma, estava Portugal cheio dos bons Authores Italianos. Isto he o que

ha de emprestado, e até aqui não vemos mais que infecundidade na alma do Poeta, e sendo esta mingua funestissima em Poesia, para salvar a honra de Camões, eu direi que foi preguiça. Agora vejamos o que he privativamente seu, e descobriremos que tudo he ridiculo, absurdo, inverosimil, e pueril. Este Adamastor, cujo nome se encontra unicamente em Claudiano, era irmão daquelles Gigantes, que quizerão pouco tempo depois da formação do Mundo, dar huma escallada ao Ceo, mas elle não entrou nesta conspiração, e protesta que não apparecera em Flegra, porque a sua teima visto a patente que tinha = Fui Capitão do Mar = era andar em busca da armada, ou forças navaes de Neptuno, mais escondidas então, que hoje as de Bonaparte, e a suporem algumas Náos de linha pertencentes a Neptuno, he de presumir que Adamastor tambem tivesse a sua Esquadra, que por isso se chama Capitão do Mar, e bem claro diz:

Fui Capitão do Mar por onde andava  
A Armada de Neptuno que eu buscava.

porque elle não devia andar a nado atraz dos navios de Nepruno. Esta lembrança he verdadeiramente ridicula, e pueril; mas em

fim este Capitão de Mar e Guerra, fazendo-a a Neptuno, era amigo de algumas pessoas da sua familia, com especialidade de Doris, Deosa formosissima, e affeiçãoou-se a Thetis já casada com Peleo; ella recusa o cortejo, e allega huma razão de atacar:

Respondeo: qual será o amor bastante  
De Nympfa, que sustente o de hum Gigante?

Respondeo bem, e como o caso não era ainda para desesperar, nem impossivel a conquista, o Gigante se acolheo ao valimento de Doris. Notavel he a fraqueza do entendimento humano, e pasmosa a cegueira amorosa dos commentadores pelos seus commentados! Manoel de Faria e Sousa, hum dos maiores engenhos Portuguezes, chegando a este passo de Camões, diz, que não pôde bastantemente admirar o profundo juizo do Poeta, na escolha de Doris: direi suas mesmas palavras — Se hizo alcagueta, con gran propiedad la trahe nuestro Poeta a este officio por aver ella passado su carrera. — Que miseria! Pois Doris não era huma Divindade? Como Divindade não estava sujeita ás injurias do tempo, e da velhice; e por onde se mostra, que ella era mais velha que Thetis já nesse tempo casada com Peleo, e mãe de filhos! Não sei

a quem chame maior sandeo , se ao Poeta , se ao Commentador ! Tudo isto he absurdissimo , e mais revoltante que todas as imaginações do admiravel Ariosto. Doris aceita a commissão , porém com malicia de velha , e logo com o firme presupposto de pregarem huma logração ao Gigante com huma metamorfose , que nem he preparada , nem se sabe porque poder fôra executada. Promette-se a noute tão desejada pelo Gigante , vem Thetis ao lugar aprazado , acóde o Capitão Adamastor , vai abelhudissimo pegar em Thetis , acha-se com huma pedra. Ora Thetis não se transformou , por que isso não diz o Poeta , o Capitão não era cêgo , a pedra não estava alli , quem a pôz , quem a fez , quem a trouxe , quem a affeioou em Thetis , e que satisfação toma o Gigante a Doris da logração que lhe pregára ? Tudo são absurdos , ou inconsiderações do triste Poeta. Mas desculpemos isto , se póde ter desculpa ; que hum Gigante com hum tão claro dom de profecia , que prognostica a Vasco da Gama , a morte de Dom Francisco de Almeida , e seu filho , a morte de Manoel de Sousa de Sepulveda , e de Dom Leonardo de Sá na Costa da Cafraia , não conhecesse as tramoias da *alca-queta* Doris , e as lograções de Thetis , para se abraçar com hum pedregoso monte , cui-

dando que era a delicada Thetis? Mas em fim, estas incoherencias podem ter desculpa, na precipitação com que Camões escrevia, e rimava tudo quanto lhe lembrava: mas em fim são mais desculpaveis as faltas de advertencia, que as faltas de juizo. Tinha dito este Gigante, que fôra dos filhos asperrimos da Terra, e que depois da lo-gração, que lhe fizera Doris, fôra transformado em Cabo, e posto na extremidade austral da Africa, transformação, que vai datar com o castigo dado aos outros irmãos como Encelado sotoposto ao Etna, etc. cousa tão antiga, como a guerra dos Gigantes, conforme a Chronica de Ovidio. Ora he possível que hum Gigante, que mudou da natureza sensível, e intelligente, para huma natureza insensível, qual he a de tres levantados montes, que rematão o Cabo da Boa Esperança, mudança acontecida no principio do Mundo, pouco depois do desenvolvimento do Cãhos, fosse tão Geografo, e tão estudioso já feito montanha, que tivesse conhecimento e lição do Grego Ptolomeo, de Estrabão, de Pomponio Mela, e de Plinio o Naturalista? Pôde chegar a mais a demencia humana, que a pôr estas palavras na boca de hum Gigante, transformado em monte tantos Seculos antes? Eis-aqui, meu A'tico, porque eu vos disse, que

entre os disparates das Lusiadas este era o maior. Não sei o que mais deva admirar, se a erudição Grega, e Latina do Gigante Adamastor, se a demência de Manoel de Faria, em querer provar em 26 paginas e quasi meia folha, que este Gigante Adamastor era Mafoma, e que Hespanha era a Thetis, que elle desejava possuir, porque a Hespanha he a terra mais formosa que banha o mar Oceano! E parecem estes delirios de febricitante filhos daquelle mesmo entendimento, que compoz o primeiro Volume da Asia Portugueza? Taes são os homens embaidos da poderosissima mania Poetica, contágio a mais violenta a que estão sujeitos os filhos de Eva! O Gigante Adamastor he Capitão de Mar e Guerra, busca a Armada de Neptuno, he Profeta, he namorado, he Geografo, e segundo Manoel de Faria, o verdadeiro sentido do Poeta he da-lo a conhecer como Mafoma. Julgo que com esta analyse critica, ficareis persuadido, que este Episodio entre os disparates das Lusiadas, he o maior disparate.

Ainda que isto esteja já conduzido até ás raias da evidencia, ainda me não satisfaz a mim, e a ultima das minhas razões para lhe chamar altissimo disparate he a que se segue. Metamorfose define-se assim: He huma passagem da natureza humana, para ou-

tra natureza, ou sensível, e bruta, ou organizada sensível, ou vegetal.

In nova fert animus mutata dicere formas.

Nesta passagem, e transubstanciação, consiste a metamorfose. Em Ovidio vemos alguns individuos humanos transformados em montes, e em penhascos, como Atlante em monte, Niobe, e Anaxarete em pedras; acabou nelles a natureza racional, e sensível, acabárão tambem todas as funcções; todos os officios, todos os ministerios proprios da natureza racional, porque a forma humana se mudou em bruta, insensível, e para sempre muda, nem o monté Atlante, nem Niobe, nem Anaxarete, fallarão, ou discorrerão mais, depois de transformados, ou passados a outras substancias, isto seria huma indisculpavel incoherencia, e manifestissimo absurdo: apenas na flôr Jacintho se vem, ou lêem humas letras, que dizem, ai! Ecco, foi transformada em som, que se reproduz; mas os transformados em monte, ou pedra nunca mais fallarão. Dizei-me agora, ao tempo da viagem de Vasco da Gama, era, ou não era Adamastor convertido em Cabo? Se o não era como diz elle ao Gama: Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo? E se era o Cabo, e já estava for-

mado, se tinha já passado para huma differente natureza, para huma substancia diversissima, se não era já Gigante, Capitão, Profeta, e namorado, mas as tres elevadissimas montanhas, que terminão a Africa, como apparece Gigante, como tem a forma humana, como falla, como conta, como ameaça, como profetiza, como se mostrará conhecedor das obras de Ptolomeo, de Estrabão, de Pomponio Mela, e de Plinio? Ou mente em dizer que he Cabo, ou mente Vasco da Gama em dizer que lhe apparecêra, e que lhe fallára. Nisto consiste, meu A'tico, a grandeza do disparate, no mais ha pobreza de idéas, ha falta de imaginação, ha daquellas dormitações, que formigão em Homero; porém aqui ha huma contradicção, hum absurdo, que arguem huma manifesta falta de juizo; e começando pelo primeiro disparate do primeiro Canto, que he Juppiter decretar a queda do Mahometismo, até ao ultimo disparate do Canto ultimo, que he Thetis, a mãe de Achilles, chorar a morte do Apostolo S. Thomé; não ha nas Lusiadas mais do que absurdos, e incoherencias. Tem o Poema dez Cantos, o primeiro vai-se no Concilio dos Deoses, e só na oitava 44, apparece Vasco da Gama, sem que a sua viagem, que he a acção principal, appareça na proposição do

Poema, e sem vir-mos a saber, que he elle o Heroe senão passado o meio do primeiro Canto. O Poema tem dez Cantos, o fim do segundo todo, o terceiro, quarto, quinto, e parte do sexto, se leva em tecer miudamente a Historia de Portugal, contada dentro de hum batel, ao pacientissimo, e insomne Rei de Melinde. Parte, e mui grande parte do sexto, se leva com a História dos doze de Inglaterra, cousa estranhissima da acção principal. Todo, ou quasi todo o Canto oitavo, se consome outra vez com a Historia de Portugal. No fim deste Canto oitavo acaba-se toda a acção do Poema, que he o descubrimento da India; e não só depois de concluida a acção, mas fóra já do lugar da acção, vem dous grandes Cantos, o nono, e o decimo: de maneira, que a verdadeira, e principal acção do Poema, vem a levar o fim do primeiro, o segundo, e o setimo. E he este, meu A'tico, o grande Poema, que tal, e tanto brado tem dado pelo Universo? He preciso, meu A'tico, contemplar todas as cousas sem prevenção, e muito principalmente as producções literarias, e entre estas, as que nos dizem mais respeito, porque são nossas. He preciso, que não sejamos cégos, e idólatras, isto degrada o entendimento, embrutece a razão, tapa os olhos á critica, e

perpetua a estúpida admiração. As *Lusiadas* são hum tecido de incoherencias, e de absurdos. Venus se determina a proteger constantemente os Portuguezes; por que acha entre sua linguagem, e a Romana, huma grande relação, similhaça, ou analogia: dar a Venus hum gosto grammatical, he cousa tão tediosa, e repugnante, que authorisa bem a invectiva do Inglez Blair contra as *Lusiadas*; he hum Poema afrontosissimo para duas Soberanas deste Reino, D. Thereza, e D. Leonor Telles. Concedendo que D. Thereza, Viuva do Conde Henrique, casára com o Conde de Transtamára, não he motivo este, para a taxar de incontinente, e denegrir perpetuamente a sua memoria. Para o ataque contra a Rainha D. Leonor Telles, não ha documento algum authenticico na Historia, e a morte do Andeiro talvez tivesse motivo em seguir as partes de Castella, como Gallego que era, sobre a successão da Infanta D. Brites. Dirvos-hei, meu A'tico, por fim, que nada do que até agora tenho desapaixonadamente ponderado, me faria desprezar altamente as *Lusiadas*; para tudo acho desculpa na mesma vida, e situação do Poeta, que compoz entre as extremas miserias da vida, e acabou o Poema na ultima indigencia; que soffreo em Moçambique, onde conforme o testemunho

do seu mataloté, e amigo Diogo do Couto, comia de amigos, nem tinha humna camiza de seu; testemunho, que me faz crer, que este Soldado chamado Luiz de Camões, que como diz Couto, veio morrer em Lisboa em pura pobreza, não he aquelle cuja genéalogia he tecida por Manoel de Faria, e começada em Vasco Peres de Camões, no Reinado de D. Fernando em 1370, até Simão Vaz de Camões casado com D. Anna de Macedo. Hum homem tão illustre, entroncado com as mais nobres familias, chegaria a tanta miseria como a em que morreo, e não teria humna casa, humna renda, humna fazenda, ou em Alemquer, ou em Santarem? Seus pais nada terião que lhe deixar sendo elle filho unico? O assento, que se achou na Casa da India com a conta dos dous mil reis, que se lhe derão por embarcar como Soldado plebeo, e hum dos alistados, por aquelle insignificante estipendio, talvez próve a minha lembrança. Seja o que for, nada tenho com o homem, mas sim com o Poema. Começo a ler o setimo Canto, e vejo que na primeira oitava se trata da chegada do Gama a Calcut, e neste lance, o mais interessante do Poema, como a paripecia, em que não podia haver interrupção alguma, repentinamente esquece-se o Poeta de si, da acção,

do Herbe, e de tudo, e desembesta com huma Diatribe, ou tirada violentissima contra os Potentados, e Nações Europeas, Alemães, Inglezes, Francezes, e Italianos; fazendo-me estourar com riso a invectiva contra o Gallo indigno, porque reprovava o Canto Ecclesiastico; e que diria elle agora contra o indignissimo Gallo, se fosse como nós somos, testemunha da sua impudentissima tyrannia! Mas a que vem isto no meio do Poema, no passo mais interessante? Que digressão he esta, immediatamente emanada da natureza, e indole da acção do descobrimento da India, ultimado naquelle ponto por Vasco da Gama? Depois de se fartar de improperios por 14 continuas oitavas, lembrando-se então de que contava o descobrimento da India, sahio-se com a oitava 15, dizendo:

E vejamos no entanto o que acontece  
A'quelles tão famosos navegantes.

Eu não sei que nome dê a estas cousas, meu A'tico; só vos sei dizer, que se algum Poeta da nossa idade apparecesse com hum semelhante montão de ineptias... Que aconteceria? Talvez, que se applaudisse, e não apparecesse contra elle huma tempestade de rombos, e insulsissimos epigrammas, com que se atacão Obras talvez mais acabadas, e perfeitas.



Cam  
1109







